

## **MAÇONARIA: TEORIAS E SÍNTESE HISTÓRICA**

*Jefferson Fernandes de Aquino \**

**SUMÁRIO** Trabalho que versa sobre a origem da Maçonaria, transportando o leitor até a Idade Média, para uma revisitação à Maçonaria Corporativa ou Operativa e ao limiar da Maçonaria Moderna.

Palavras Chave: Maçonaria Operativa. Maçonaria Moderna.

**ABSTRACT** -Work that deals with the origin of Freemasonry, transporting the reader until the middle ages, for a revisitation to Freemasonry or Operative and Corporate to the threshold of Modern Freemasonry.

Key Words: Operative Masonry. Modern Masonry.

### **INTRODUÇÃO**

A Maçonaria há muito foi considerada uma sociedade secreta composta por homens que, nos variados casos provinham de uma classe social elitizada, instruída, cientistas renomados, políticos bem conceituados, intelectuais, dentre outros. Entretanto, em sua historia não podemos afirmar que foi sempre assim.

O termo “maçonaria” provém do francês e nos remete à área da construção. O fato é que a instituição nasce e se preserva neste meio desde sua formação, quer seja operativa ou especulativa, até os dias atuais.

Contudo, antes de adentrarmos neste contexto com mais propriedade, vale salientar que a arte da construção é mais antiga que a própria humanidade, e isto implica dizer que, desde o momento em que o homem decide viver em sociedade, tornando-se sedentário, este sente a necessidade de elaborar uma estrutura que respalde a organização clássica de um povo – classes sociais, chefe político, chefe religioso, etc – ele passa a erguer

construções imponentes para simbolizar a força de uma civilização, rei ou religião.

É interessante se perguntar como há milênios atrás, com menos recursos tecnológicos e oportunidades, homens conseguiam erguer incríveis monumentos, hoje admirados pela humanidade.

Percebemos estes tipos de construção em diversas civilizações da antiguidade, a saber: os egípcios com suas pirâmides que erguiam o culto aos mortos e os elevavam aos seus deuses, além de mostrar a força de uma sociedade que surgira no meio do deserto; os mesopotâmicos com os zigurates e o culto solar, que inauguraram a noção de trevas e luz; os hebreus com o famoso Templo do Rei Salomão, o maior dos ambientes de culto ao Grande Arquiteto do Universo; e, por fim, os gregos e romanos que dividiam-se entre o saber e a força, apresentados pelas suas construções milimetricamente detalhadas.

Assim, grupos de construtores reuniam-se para propagar tal conhecimento entre si, prática que perdurou até a Idade Média, onde se formaram as chamadas

---

\* O autor é Maçom regular da Loja Simbólica União Maçônica Cajazeirense nº20, Obreiro Fundador da Loja Simbólica Cavaleiros do Templo Sagrado nº 48, ambas do Oriente de Cajazeiras-PB e Grande Secretário Estadual da Ordem DeMolay da Paraíba.

corporações de ofício – grupos mais organizados e que preservavam o conhecimento repassado a gerações.

Vale ressaltar que, no transcorrer de toda a Idade Média, haviam várias corporações de ofício espalhadas pela Europa, contudo, a de pedreiros era a mais comum.

Falamos de uma Europa majestosa de castelos e grandes templos a Deus, sobre isso, o historiador Jacques LeGoff, em *As Raízes Medievais da Europa*:

Dada a importância do castelo feudal nesta nova organização, os historiadores, para designá-la, tomaram emprestado uma palavra italiana no grande livro de Pierre Toubert [...]: o *incastellamento*, o encastelamento. [...] Quais são as células fundamentais dessa organização? Não só o castelo, evidentemente, mas também outras três células de base: o senhorio, a aldeia e a paróquia. (p.78)

## CORPORAÇÕES DE PEDREIROS



Neste cenário incluem-se as corporações de pedreiros livres que, sem dúvidas, colaboram com a formação da Maçonaria. Historiadores maçônicos denominam este período de “Maçonaria Corporativa”, por resumir as atividades ao ofício de construtor.

Tal ofício, por ser de muita importância para a época e por poucos dominarem os “segredos” da profissão, ser membro de uma corporação, independentemente de qual fosse ela, já dignificava o indivíduo a um status mais elevado, não superando os cavaleiros e nem tornando-os nobres.

Ser pedreiro em plena Idade Média elevava ainda mais, pois, como afirma o historiador Jacques LeGoff, três são as células base da sociedade medieval: o senhorio, a aldeia e a paróquia, cercados pelos muros do castelo que dava a proteção. Isto implica afirmar que, uma célula depende da outra, pois, as aldeias funcionavam como uma peça de metal que era atraída pelo ímã – o castelo – e a Igreja buscava seus fiéis.

Nas corporações, também haviam degraus a serem conquistados com o tempo e a experiência, sendo o indivíduo elevado à categoria de aprendiz ao adentrar nesta e conduzido, por estudos e observações à categoria de mestre de ofício. Coisa simples, mas esta questão seria elevada a uma gama de simbologias após a inserção gradativa de organizações sigilosas medievais formando o

que chamam de “Maçonaria especulativa” ou “Maçonaria simbólica”.

O tempo marca a história e, consecutivamente a estrutura das construções civis. Se pegarmos, por exemplo, a fotografia de uma casa construída na década de 1920, podemos perceber uma variação de detalhes, valorizando os espaços e cores mais pálidas, diferentemente de uma construção atual da qual exploram-se formas geométricas mais simples e menos detalhadas, mas que não perdem o seu glamour, mas economizam em tempo e recursos empregados.

Assim, podemos estabelecer um comparativo entre as construções da Era Medieval e da Era Moderna que imputou um conhecimento cada vez maior e um retorno à cultura clássica através do movimento renascentista.

Com base nisso, nos compete fazer um questionamento: o que estas informações relacionam-se com a formação da Maçonaria moderna? Simples, diria. Pois, com a evolução das construções, o pensamento maçônico também evoluiu.

Percebam que, quando mencionamos a inserção de alguns pensamentos simbólicos nestas corporações que dão início à Maçonaria, temos, à mesma época, um investimento pesado em artes e estudos científicos. Isto nos faz chegar a conclusão que, os maçons antigos não abandonam os seus velhos instrumentos de trabalho, mas condicionam a eles simbolismos, fazendo com que a Maçonaria surja em meio a uma série de movimentos conduzidos por intelectuais e cientistas, tornando estes membros de sua seleta organização.

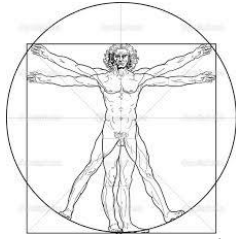
A partir destas análises, podemos atribuir – segundo a nossa teoria – à formação da Maçonaria especulativa ou simbólica, a própria evolução do pensamento renascentista, uma vez que a instituição, enquanto corporação de ofício apresentava-se como uma organização de pedreiros que tinham acesso a feudos e reinos no simples intuito de levantar torres, muros e igrejas.

Numa sociedade onde ser camponês era prático e tornar-se um nobre, impossível, os pedreiros livres irão atender aos anseios de reis, nobres e os novos burgueses (patrocinadores da cultura renascentista).

A partir desse momento o novo pensamento começa a se inserir dentro da Maçonaria transformando os seus objetos de trabalho em objetos de estudo e em questões simbólicas.

Se pegarmos o *Homem Vitruviano* de Leonardo da Vinci e observarmos com atenção, é notório o emprego de figuras geométricas e a centralização do homem no que nós, historiadores chamamos de antropocentrismo, quebrando com teorias religiosas, teocêntricas. Assim, cientistas começam a apropriar-se da física, da alquimia e da astronomia para fundamentar e justificar suas ideias. Contudo, ainda na análise do *Homem Vitruviano* de Da Vinci, ele aparece ao centro de duas formas geométricas perfeitas – o quadrado com os quatro ângulos retos e, um

círculo – e seus braços alcançam esses pontos formando esquadrias e ângulos retos.



*Homem Vitruviano, Leonardo da Vinci*

Mas o que isto tem haver com a formação da Maçonaria moderna? Simplesmente tudo, pois os maçons corporativos começam, aos poucos, no seu pouco status, a abrigar outros profissionais. Há quem afirme que a presença de Templários no declínio de sua organização uniram-se a franco maçons para resguardar-se da perseguição dos reis e da Igreja. Verdade? Sim.

Este é o formato de como a ciência moderna começou a dar os seus primeiros passos rumo a uma nova era e, conjuntamente com esse pensamento, uma nova instituição, devidamente organizada: a Maçonaria.

Entretanto, antes de aprofundarmos ainda mais neste estudo, salientamos que não somente Templários constituíram a formação da Maçonaria Moderna, mas filósofos, burgueses, rosa cruces e outros tantos se engajam nesses grupos de pedreiros livres formando uma instituição filosófica, secreta, com toques, sinais e formas de reconhecimento.

Neste sentido, surge uma instituição formada por grandes nomes da história mundial, políticos, intelectuais, cientistas e, obviamente pedreiros que, já eram livres desde a Era Medieval – os maçons (franceses) e freemasons (ingleses). A partir daí uma instituição filosófica, secreta e elitista.

A Maçonaria simbólica surge exatamente neste espaço entre o fim da estrutura medieval e o início da era moderna, tornando-se uma instituição de grande renome e espalhando-se por vários países da Europa e ganhando, neste processo de expansão, várias visões, base formadoras dos mais diversos ritos existentes atualmente.

Para regulamentar estas práticas e a Maçonaria, a criação da Grande Loja Unida da Inglaterra foi fundamental para estabelecer as regras e os simbolismos de forma universal, ao mesmo tempo respeitando as visões formadoras dos ritos maçônicos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FARIA, Geraldo. Os Sete Maçons: segredos e rituais sem mistérios. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

FRALE, Bárbara. Os Templários e o Pergaminho de Chinon encontrado nos Arquivos Secretos do Vaticano. São Paulo: Masdras, 2007.

LEGOFF, Jacques. As Raízes Medievais da Europa. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LOMAS, Robert. A Maçonaria e o Nascimento da Ciência Moderna: o código invisível. São Paulo: Masdras, 2007.

STEVENSON, David. As Origens da Maçonaria: o século da Escócia (1590-1710). São Paulo: Masdras, 2009.